



Texto e figura, uma das obras mistas

SÃO sete jovens, amigos desde criança, todos dedicados à arte. Fazem serigrafia, fotografia e poesia, mas são tão ligados entre si, que muitas vezes partem para trabalhos em conjunto, reunindo duas ou três dessas manifestações de arte na mesma obra. Fazem também fotomontagem, pintura e colagem, e vão mostrar pela primeira vez o resultado de seu trabalho a partir de amanhã, na galeria de arte do Clube XV.

O grupo é o Moeda Nacional, formado por Paulinho, Ettore, Tuta, Jair, Lino, Carlião e Armando. "É o lema dessa revolução — liberdade, igualdade, fraternidade — símbolo do espírito do grupo. Finalmente, essa efígie é

trabalho caracteriza-se pela falta de uma preocupação formalista, em benefício de uma abordagem do cotidiano, de um enfoque da realidade brasileira. É por isso que não existe uma unidade formal no trabalho do grupo, mas sim uma unidade de abordagem.

O nome, Moeda Nacional, segundo os jovens artistas, dá uma idéia do espírito do grupo, preocupado em extrair a realidade do dia-a-dia brasileiro e mostrá-la em suas obras. Além disso, na moeda nacional há gravada a efígie da República, com o burrete frígido, da Revolução Francesa. "É o lema dessa revolução — liberdade, igualdade, fraternidade — símbolo do espírito do grupo. Finalmente, essa efígie é

Serigrafias, fotos e poesia: arte de jovens

formalmente bonita, e nós gostamos dela".

A efígie e um brado de guerra dos índios tuxanas (para a conquista do Brasil) estão impressos no convite para a coletiva, bastante original e bonito. Por que o brado? "Isso revela o caráter antropofágico do grupo, sempre pronto a digerir qualquer nova idéia que apareça. Mas esse caráter antropofágico, de acordo com alguns críticos que já conhecemos nosso trabalho, está muito mais para Mário de Andrade do que para Caetano Veloso. Quanto ao brado de guerra, está registrado por Couto de Magalhães no livro *Os Selvagens*, e foi citado por Cassiano Ricardo, em *Martim Cerere*".

OS ARTISTAS

Os próprios jovens explicam suas obras. Carlião diz que o trabalho de serigrafia é seu e de Ettore. Fala de sua preocupação com o múltiplo e de uma técnica que os dois artistas estão desenvolvendo há aproximadamente três anos, um processo quase artesanal: "Somos nós mesmos que imprimimos nossos trabalhos; os próprios convites da exposição foram impressos por nós".

Mas há algumas características diferentes nas serigrafias dos dois jovens. Carlião une sua arte à embalagem: "Acho que a serigrafia tem muito a ver com a embalagem, e chega próximo ao cartaz. A embalagem é também um múltiplo, que nos atinge cotidianamente. Há ainda, em meu trabalho uma preocupação de abarcar a realidade coti-

diana em termos estéticos".

Já a preocupação de Ettore é contrapor uma estrutura rígida a outro dado qualquer. Em seus quadros existem, por exemplo, figuras humanas subordinadas a uma estrutura rígida, com a importante presença das linhas geométricas.

Lino mostra, com sua fotografia, o cotidiano em seus opostos: "É uma vida que a gente leva e um outro tipo de vida que se leva bem!". Esse "outro tipo de vida" é a vivida pelos mendigos, sem preocupações. Lino prefere mostrar em suas fotos, de um lado, a natureza, segundo ele uma necessidade para o homem, uma verdadeira terapia: "O homem precisa apreciar a natureza". Do outro lado estão os mendigos que, de acordo com o artista, levam o mesmo tipo de vida de quem vive em contacto com a natureza, porém sem sofisticação.

O jovem começou em fotografia há um ano e três meses, com Paulinho, outro expositor do grupo. Lino já ganhou prêmio da Academia Santista de Fotografia com a foto *O Trabalho*, e Paulinho também já foi premiado pela Academia, com a foto *Os Efeitos do Sol*.

Tuta e Jair procuram integrar em suas obras o texto e a imagem. Fazem trabalhos em conjunto, unindo a poesia ao desenho, à fotografia, a objetos, etc.: "Trabalho com colagem, diz Tuta, procurando usar diversos ma-

teriais para atingir um só objetivo. O texto é colocado na obra, dentro da mesma idéia dessa obra". Tuta afirma ainda que os jovens artistas estão preocupados em trabalhar, produzir alguma coisa, fazer o que gostam. O grupo, Moeda Nacional, foi uma necessidade de um momento, foi a constatação do momento atual".

Jair trabalha com Tuta e também com Lino. Para ele, a poesia é uma manifestação de arte que não tem consumo, é de difícil acesso e possui pequena utilidade. "Por isso, esse trabalho, texto em fotografia e texto em quadro, é muito importante. Em primeiro lugar, porque a imagem completa o texto; em segundo, porque estou pendurando uma poesia na parede, junto com a imagem, o que, de acordo com o mesmo princípio das histórias em quadrinhos e do cartum, força a pessoa a lê-la. Finalmente, este é um tipo de trabalho que extrapola as possibilidades da poesia, enquanto poesia, ampliando os seus limites".

Jair define assim seu trabalho: "É a integração de duas manifestações diferentes de arte, desenvolvendo o mesmo tema, cada uma criando as suas sugestões e as duas, em conjunto, criando outras sugestões".

A inauguração da coletiva, no XV, amanhã, está marcada para as 21 horas.



Para eles, o importante é a abordagem do tema

Roteiro de Exposições



Óleos da Regina Kerr podem ser vistos no horário comercial

● Na Aliança Francesa permanecem até dia 5 as pinturas de um grupo de pintores *naiifs* do Rio de Janeiro. São aproximadamente 40 trabalhos que mostram marinhas, composições quase geométricas, cenas populares, religiosidade afro-brasileira, a vida nordestina, etc. Os preços variam de Cr\$ 600,00 a Cr\$ 3.500,00, e a coletiva pode ser vista das 8,30 às 11,30 e das 13,30 às 21 horas. Do grupo de artistas fazem parte Aparecida R. Azeite, Caçilda Diácono, Carlos José de Assis Ribeiro, Gilda Roza, Líria Milton, Lourdes Gunahara, Lúcia Kahn, Otacília, Pula, Sílvia de Leon Chalero e Gemy Marcondes. A Aliança Francesa fica na Rua Rio Grande do Norte, 98.

● No Ateliê C. de Luis Hamen, estão quadros do acervo, de autoria, na maior parte, dos alunos do artista. É esta a relação dos integrantes do grupo, cujos quadros estão

sendo mostrados na Av. Afonso Pena, 143: Antônio Mariano, Dasso Rocha Rodrigues, Edilberto Casasco, Enaida de Santos Bastos, Fernando Domingos, Irene Miller, José Jorge Carneiro de Oliveira, Luís Antônio H. da Silva, Mádia Laragnoit Mourão, Magaly Patiane, Maria José Carneiro Muniz, Maria Lúcia Ponte de Andrade Silva, Nilza Meneses Gauth, Regina Helena Bolívar de Souza Pinto e Ruth de Andrade Silva.

● Na galeria do Centro-Cultural Brasil Estados Unidos está uma coletiva de pinturas, desenhos e gravuras, reunindo muitos nomes famosos: Armando Sendin, Beatriz Rota-Rossi, Carlos Kis, Chabrel, Darcy Pentado, Estephania, Gastão Frazão, Jean Lucciano, Jorge Guerrero, José Antônio da Silva, Lúcio Menezes, Luis Hamen, Manerinho Araújo, Marcelo Grassman, Nazareth Motta Leite, Norberto Stori, Octávio Araújo, Romeo de Graça e Wega. A coletiva fica até dia 6 e pode ser vista diariamente, das 15 às 22 horas; sábado, das 16 às 20 horas.

● Os quadros super-realistas, ou realistas-fantásticos, do argentino Rafael D'Simone estão na galeria do Caçara Clube. As telas conferem a influência da luz de Ilhabela, onde o artista reside, mas os objetos e as pessoas também estão presentes, como formas. As figuras mitológicas são uma constante nas 35 obras que o artista mostra no Caçara, cujos preços variam de Cr\$ 4 mil a Cr\$ 7 mil.

● Na galeria do Turismo Bradesco (Rua Amador Bueno, 911) estão quadros de Regina Kerr Fonyat, que inauguram as novas instalações da galeria. São dois retratos e quadros com temas sociais, focalizando em especial a criança. Há ainda quadros com o tema predileto da artista, e colagem São Helenas — figurativos com expressividade. Também classificados por Regina, com preços que variam de Cr\$ 2 a Cr\$ 5 mil.